

## ASPECTOS DISCURSIVOS DA AFASIA

MARIA IRMA HADLER COUDRY\*

(IEL-UNICAMP)

EDWIGES MARIA MORATO

(FCM-UNICAMP)

Nosso objetivo neste trabalho é mostrar como o estudo das afasias e das demências neurodegenerativas de tipo Alzheimer, no âmbito da Lingüística, nos tem possibilitado algumas reflexões sobre o percurso necessariamente relacional entre linguagem e cognição.

Nosso trabalho tem procurado evidenciar a natureza da atividade lingüístico-cognitiva destas síndromes, articulando uma concepção de linguagem que envolve uma noção de sujeito e de discurso a uma concepção de atividade cognitiva ou mental que se constitui por processos de mediação entre o sujeito e o mundo social. Esta posição teórica não estabelece uma dicotomia entre a atividade lingüística e a cognitiva, o que acontece, por exemplo, quando se tenta identificar se o que está perturbado nas patologias de linguagem é a representação conceitual ou o nome dos conceitos, fato recorrente na lingüística tradicional e na psicologia cognitiva, que tratam o sentido e a forma como elementos heterogêneos e independentes entre si. Uma outra alternativa, que questiona a hipótese binária da arquitetura funcional da atividade mental assentada sobre a concepção ideacional de significação, nos leva a assumir a hipótese integrativa do funcionamento do cérebro, em que as diversas formas de atividade consciente (na concepção de Bakhtin, 1981) como, por exemplo, mecanismos enunciativos e processos discursivos, são construídas por processos de mediação simbólica.

Ao apontar a relação da atividade lingüística com a cognitiva, considerando o trabalho que o sujeito exerce com e sobre a linguagem, por meio de mecanismos enunciativos e de processos discursivos, a neu-

---

\* Bolsista do CNPq, processo n<sup>o</sup> 303875/85-2.

rolingüística pode tematizar questões referentes à atividade cognitiva que a lingüística pouco tem tratado sistematicamente, remetendo-as a outros domínios de investigação. Lembramos a remissão que Saussure faz à psicologia social ou à sociologia e Chomsky à biologia, para tentar dissolver os renitentes “mistérios da lingüística”, relacionados ao mecanismo lingüístico de produção e interpretação do sentido (sobre esta questão, ver Lahud, 1977). Queremos com isto afirmar que a lingüística tem o que dizer sobre os processos cognitivos ou mentais, embora não se saiba tudo sobre os mecanismos psicológicos que subjazem aos fatos de linguagem. Sob o risco de contradizer as assunções teóricas com as quais nos identificamos, não podemos considerar os expedientes lingüísticos estudados no contexto patológico - problemas de natureza semântica - em outros parâmetros que não os essencialmente discursivos. Nesse sentido, vamos nos interessar, sobretudo, por processos de significação, desde que o próprio da linguagem, como diz Benveniste (1970), é **significar**.

A fim de apontar alterações que a afasia e a demência de Alzheimer provocam na atividade discursiva discutiremos, primeiramente, os termos da relação cognição e discurso, em afasia, articulando categorias teóricas da Lingüística de tradição enunciativo-discursiva às da Neuropsicologia de tradição luriana, dois campos de investigação fundadores da Neurolingüística que vimos buscando desenvolver.

A primeira noção que nos interessa destacar é a de **funcionamento**. No tocante ao aspecto neuropsicológico, em termos lurianos, falar em funcionamento da atividade cognitiva substituindo a noção de função ou faculdade implica uma mudança na própria idéia que se tem do desenvolvimento, integração, alteração e reorganização da vida mental. Os processos neuropsicológicos são baseados no trabalho coordenado e hierárquico das diferentes zonas cerebrais, cada uma das quais dá a sua contribuição particular para a construção do processo psicológico complexo. Esta concepção de funcionamento dinâmico do cérebro se confronta diretamente com a tese da modularidade da mente que postula a especificidade e a independência dos processos cognitivos uns em relação aos outros. Em tal abordagem lógico-cognitiva, a assunção da modularidade das funções cognitivas é básica. Isto significa que, em casos de lesões cerebrais, o sistema cognitivo permanece inalterado, com exceção do aspecto relacionado à região lesionada, ou seja, de um componente específico do processamento. Nesta hipótese não se considera, pois, a possibilidade de reorganização do sistema cognitivo alterado. Luria (1966, 1974a, 1974b,) nos oferece grande evidência empírica que contradiz esta hipótese, confirmando a existência de uma base neurofisiológica para a reorganização integrativa e sistêmica das funções corticais lesadas, em que áreas adjacentes, e mesmo

do hemisfério contralateral, atuam no rearranjo da função cerebral, permitindo a reconstrução de processos cognitivos alterados.

No tocante ao aspecto lingüístico, falar em **funcionamento** significa tomar a linguagem como lugar sócio-histórico de produção de significações, em que tem papel crucial o caráter interativo da relação do sujeito com o interlocutor, com o mundo e com a própria linguagem. Por isso outra noção relevante é a de **enunciação**, em que as estratégias e operações enunciativas determinam a significação na contigência de processos discursivos.

Tendo em vista o percurso teórico traçado pela Análise do Discurso, desde os anos sessenta, observa-se que seu surgimento relaciona-se ao rompimento com a concepção benvenistiana da complementariedade dos estudos do enunciado e da enunciação, em que esta seria a "colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização" (Benveniste, 1966:82). Como é sobejamente conhecido, e alvo de críticas e revisões, a enunciação é para Benveniste um ato marcado no próprio sistema da língua e a intersubjetividade (relação entre os interlocutores constituída pela linguagem) também é prevista pelo sistema e não uma construção da enunciação. Esta concepção não daria conta do processo pelo qual o sujeito constrói o enunciado, nem explicitaria mecanismos enunciativos, tais como operações lingüísticas que marcam os traços de intertextualidade e de argumentatividade, consideração de leis discursivas, e, ainda, pressupostos de conhecimento, imagens que os interlocutores têm entre si e acerca do referente, reconhecimento de intenções, etc.

A partir da crítica à concepção de sujeito de Benveniste, e assumindo que o sujeito é ideologicamente constituído, a Análise do Discurso, inicialmente, dispensa o aparelho formal da enunciação e se interessa pelas condições ideológicas de produção do discurso e por corpora produzidos em instâncias institucionais, isto é, se preocupa mais em tipologizar discursos organizados e institucionalizados. É por esta razão que a Análise do Discurso, como mostram Guillaumou e Maldidier (1989), inicialmente não se ocupa da enunciação como centro de reflexão: "o metadiscurso tomou o lugar daquilo que, na própria enunciação, permite fazer emergir as caracterizações do discurso (...)" (p.69-70).

Nos últimos anos, vem se articulando o que se chama de "novas tendências" em Análise do Discurso, recuperando a perspectiva histórica da enunciação, como categoria de acontecimento "constituído pelo aparecimento de um enunciado" (Ducrot, 1984); isso demanda que se considerem as condições sócio-históricas próprias desse acontecimento no qual o sentido se constitui por mecanismos enunciativos e processos discursivos. Nesses novos trabalhos vemos que, ao privilegiar a intertextuali-

dade e o acontecimento discursivo, a Análise do Discurso permite a reinscrição da enunciação em suas preocupações teóricas, passando a se ocupar do estudo de regularidades enunciativas inscritas no processo discursivo. Os trabalhos de Maingueneau (1984, 1989), Authier-Révuz (1982, 1985), Possenti (1988), Roventa-Frumusani (1985), Geraldí (1990), manifestam estas chamadas "novas tendências em Análise do Discurso" ou segunda geração (ver sobre isto Maingueneau, 1989 ou Henry, 1990). Pêcheux (1990) aponta a aproximação (inclusive em termos de dispositivos de análise) entre o "ordinário" do sentido e as formações discursivas internas da interpretação.

No quadro aqui rapidamente esboçado procuramos apontar como as categorias da Análise do Discurso podem identificar o papel constitutivo da linguagem na estruturação dos processos cognitivos (memória, atenção, solução de problemas, cálculo, raciocínio intelectual, etc.). Isto implica que, em última análise, nenhuma forma de atividade cognitiva transcorre sem a participação direta ou indireta da linguagem. Esta é uma forma especial de atividade cognitiva que integra a organização geral dos processos mentais. Especial porque a linguagem cumpre função mediadora e organizadora nas relações destes processos com o mundo social (Vygotsky, 1984, 1987).

Vygotsky evidencia a propriedade reflexiva da linguagem em sua análise do processo de internalização, o que o faz considerar uma dupla natureza da linguagem não no sentido de unidade como identificação, mas como sendo ambas constituídas no espaço das relações humanas: **inter-psíquica** (que envolve um percurso social, isto é, toma a linguagem como mediação entre processos cognitivos e a realidade) e **intra-psíquica** (que envolve um percurso psíquico, isto é, relaciona a linguagem com outros processos cognitivos). Estes dois percursos indicam que a linguagem tem uma realidade mental e discursiva, e ambas encontram significação na prática discursiva, conceito apresentado por Maingueneau (1989) para se referir à "reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso (p.56).

A tradição afasiológica e neurolingüística tem concentrado o material de investigação e de diagnóstico, em relação à linguagem, no conhecimento metalingüístico, e mesmo assim, privilegiando determinados aspectos que não o totalizam, com repercussões na semiologia, diagnóstico e tratamento das patologias de linguagem. Por essa razão, há uma enorme gama de dificuldades com expedientes e mecanismos lingüísticos que pouco foram analisados: alterações nas relações de sentido (provérbios, chistes, piadas, sentidos implicados), problemas com pressupostos interpretativos (implícitos, subentendidos), parafasias de diversas nature-

zas que revelam problemas de seleção lexical e de tópicos - digressão e confabulação -, violação de leis conversacionais ou discursivas, dificuldades com operadores argumentativos, alterações de mecanismos coesivos e de coerência no contexto narrativo ou 'procedural', etc. Não se pode considerar esses expedientes lingüísticos em outros parâmetros que não os essencialmente discursivos. Os problemas lingüísticos na afasia têm sido habitualmente descritos e tipologizados a partir da aplicação direta e mecânica de construtos teóricos elaborados com outros objetivos, desconsiderando o funcionamento da linguagem e, ainda, pautando seus procedimentos apenas sobre alguns aspectos da atividade metalingüística.

Temos observado, para dar um exemplo, que sujeitos portadores de afasia semântica apresentam vários problemas com enunciações proverbiais: "de explicar o que significam (atividade metalingüística), de explicar quando usam (atividade meta-enunciativa), de relacionar seu uso produtivo com uma situação (atividade lingüística) e de se servirem de "enlaces" (nos temos de Luria, 1987:27-42) que podem ou não ajudá-los a refazer o sentido implicado (atividade epilingüística). Sabemos que a explicitação do conhecimento metalingüístico não é uma atividade usual entre sujeitos adultos; no entanto, ilustra dificuldade diferentes das que um sujeito não afásico revelaria. É interessante distinguir aqui conhecimento metalingüístico (que tem a ver com a sedimentação histórica da significação, ou a dimensão semântica da linguagem) do acesso verbal explícito a esse conhecimento, via atividade metalingüística (que a afasia e outras patologias de linguagem podem perturbar)" (Coudry, 1990). É isto que o sujeito afásico mobiliza com dificuldades: o acesso às operações lingüísticas que possibilitam a representação das coisas do mundo.

O caminho percorrido pelo sujeito para aceder à enunciação proverbial é sempre discursivo e envolve um entendimento de que a relação que o significante mantém com o significado é polissêmica, e não unívoca. Ao falarmos de sentido literal e implicado (ou metafórico, figurado, etc.) - e estamos falando de língua natural e não de um código - lembramos que ambos resultam da sedimentação histórica e que há fatores discursivos que condicionam o sentido. A partir da perspectiva das novas tendências em Análise do Discurso e das teorias enunciativas vemos que há propriedades que nos permitem manejar o sentido literal e o implicado na própria língua (interpretada como sistematização aberta, como o faz Geraldi, 1990).

Se, de um lado, as reflexões que por ora elaboramos tendem a interpretar discursivamente os expedientes lingüísticos, procurando uma análise mais vertical dos fenômenos neurolingüísticos, por outro, permitem formular uma teoria mais adequada da afasia no âmbito da Lingüísti-

ca. Procuramos, a partir desta formulação teórica, incorporar as marcas do sujeito e de sua experiência com e sobre a língua(gem).

Podemos apontar certos expedientes lingüísticos que são o testemunho expressivo da presença da cultura na língua, tais como provérbios, chistes, fábulas, piadas, instruções, etc. Nosso trabalho pretende, além de reconhecer o elemento cultural intimamente relacionado com o funcionamento discursivo da linguagem, chegar à identificação de seu papel na própria reconstrução do processo lingüístico-cognitivo e, ainda, investigar o que de lingüístico está envolvido nesse processo. Se o expediente lingüístico que se materializa no uso e na interpretação de provérbios e piadas e na produção da significação tem uma natureza discursiva, no caso de afásicos, as atividades meta-enunciativas (e ainda, epilingüística) parecem orientar suas estratégias cognitivas, ainda que com problemas.

Finalmente, é importante apontar a articulação que procuramos estabelecer entre uma concepção dinâmica do funcionamento do cérebro, proposta pelo modelo luriano a partir das teses de Vygotsky, e uma concepção enunciativo-discursiva da linguagem, que evidencia seu aspecto interacional e que privilegia o dialogismo como fenômeno lingüístico por excelência (remetemos aos trabalhos em Discurso que têm como matriz a noção de dialogismo apresentada por Bakhtin). Ambos os modelos que julgamos articuláveis são inspiradores tanto de nossas investigações como do processo diagnóstico e terapêutico, orientado pela atividade epilingüística que se manifesta no diálogo e em outras funções lingüísticas (como a narrativa, o discurso 'procedural'), que instruem o desenvolvimento cognitivo e que elegem virtuais processos alternativos de significação. Tais atividades lingüísticas são os lugares privilegiados para a ação do papel regulador e organizador da linguagem na reconstrução da atividade verbal e não verbal do sujeito afásico.

### ANÁLISE DE DADOS \*

**O caso CP:** Trata-se de um homem de 44 anos, brasileiro, destro, contador, com antecedentes de hipertensão arterial e alcoolismo crônico, que sofreu um acidente vascular cerebral isquêmico. A tomografia computadorizada revelou um infarto têmporo-parietal esquerdo. Ao exame neuropsicológico e neurolingüístico foi diagnosticada uma afasia semânti-

---

\* A avaliação neuropsicológica dos casos analisados nesse trabalho foi conduzida por Benito Pereira Damasceno, a partir do protocolo de Christensen (1975).

ca, segundo classificação luriana, que recobre, resumidamente, os seguintes sintomas lingüísticos: anomia (dificuldade em encontrar palavras com soluções parafásicas), parafasias (especialmente as de natureza semântica), problemas com relações de sentido, com operadores argumentativos e leis discursivas.

(1) [15-12-88: CP fala sobre seu insucesso profissional]

CP.- Eu estou mal [...] não estou bem sucedido, estou mal sucedido.

Os recursos dos quais CP lança mão para construir e elaborar significações revelam uma dificuldade de seleção lexical e semântica, característica de seu quadro neuropsicológico.

Veremos, em termos do sentido lingüístico, como a direção discursiva indicada pelo exemplo (a) é capaz de mostrar de que maneira a dialogia é condição capital para a emergência da significação e para a orientação das construções de sentido.

A relação entre bem/mal não é de oposição: dizer "não estar bem sucedido", não equivale, para os propósitos discursivos, a "estar mal sucedido"; do contrário, CP não precisaria dizer, ao final, "estou mal sucedido". Do ponto de vista enunciativo-discursivo, o interessante é o trabalho que CP faz sobre a língua: o sentido menos cristalizado foi aquele em que hesitou. É como se tivesse que reconstruir uma relação de sentido enfraquecida (instável) por um uso menos habitual. CP precisa deste trajeto para aceder a **sucedido**, e o que é dito estritamente, **mal**, não suficiente, devido a alteração afásica do trabalho cerebral de seletividade.

Na operação epilíngüística **não estou bem sucedido**, no segmento como um todo, "Eu estou mal [...] não estou bem sucedido, estou mal sucedido", evidencia ajustes enunciativo-discursivos, e não puramente semânticos, implicados na intenção manifesta no que fora enunciado antes da pausa.

(2) INV.- Bole uma situação em que caberá o uso do provérbio "Roma não foi feita em um dia".

CP. - Demorou bastante.

INV.- Mas quando as pessoas dizem isso, o que elas querem dizer?

CP. - Demorou muito para ser feito.

Em (2), CP acede apenas a uma interpretação imediata da questão do tempo envolvida nesse provérbio, ferindo a intertextualidade da enunciação proverbial.

Os problemas nas relações de sentido não estão circunscritos apenas ao âmbito das unidades lingüísticas. A construção da significação depende de complexas relações que servem de mediação entre os locutores e a língua, de acordo com as instruções que eles interpretam e que orientam a construção do sentido. O provérbio, com regras próprias de manipulação do sentido e de suspensão da referência, é um expediente privilegiado (assim como os jogos de linguagem ou os chistes) para mostrar os problemas de CP.

A questão do tempo envolvida na explicação do provérbio esbarra nas inferências mais diretamente estabelecíveis. Já o próprio Goldstein (1948) adiantava que para o resultado dessa avaliação não ser ambíguo é preciso considerar o conhecimento enciclopédico que o sujeito tem (Roma é uma cidade grande). Além disso, há o que culturalmente é associado a este tipo de enunciação, o que é essencial para apreender o sentido do provérbio. Um sujeito sem acesso a esse conhecimento cultural poderia basear sua interpretação apenas no conhecimento enciclopédico relacionando, pois, a **demora** com a construção de Roma, sem que isto indique um problema afásico -- distúrbio da atitude abstrata, nos termos desse autor. Para dar um exemplo, sugerido em comunicação pessoal por Maurizio Gnerre, é possível encontrar uma frase como esta num prospecto turístico da cidade de Roma, onde se ressalta apenas sua grandeza.

O manejo da seletividade lingüística obedece, especialmente, a critérios discursivos. O sentido implicado no provérbio, assim como o conhecimento metalingüístico que ele envolve estão comprometidos no exemplo (2), como em outros dados (de CP e de outros pacientes) que não fazem parte desse trabalho. Por isso, CP tem problemas para interpretar provérbios. Ele deveria - para obter a eficácia que tivera em sua vida pré-mórbida - estabelecer uma correlação polissêmica entre sentido e expressão lingüística de modo a produzir os efeitos desejados.

Como vimos, há propriedades que nos permitem manejar o sentido literal e o implicado na própria língua, através de estratégias e operações enunciativo-discursivas. Nossos dados indicam que CP acede ao sentido mediado pela relação "objetal" que remete diretamente ao referente (ver, a propósito, Luria 1979) e não acede ao sentido veiculado pela interpretação intertextual (admitindo que a referência envolve uma relação discursiva).

Em suma, o problema básico de CP é de seleção semântica, afetando o processo de produção e interpretação de relações de sentido. No

próximo exemplo (3), analisaremos outras implicações discursivas somadas ao problema de seleção.

(3) [15-12-88: investigadora e CP conversavam sobre a situação da inflação brasileira quando a primeira propõe a leitura da seguinte manchete de um jornal de grande difusão: "A inflação de janeiro será a maior da história". Hora antes, sem que a investigadora soubesse, CP havia passado por exame neuropsicológico (teste de prosopognosia: reconhecimento de rostos de pessoas conhecidas) com o neuropsicólogo Benito Damasceno]

(a) INV.- Viu que notícia essa?

CP. - Mui [...] mui [...] desa [...] (seguimento ininteligível).  
Viu que esse cara, sa [...] sabe o que ele fez agora pra mim?

INV.- Que?

CP. - Ele me pega o salário do Sarney, eu quase batí nele.

(b) INV.- Ah, é?

CP. - Desgraçado [...]

INV.- E quanto que [...]

CP. - Hein?

INV.- E quanto foi?

CP. - O Benito.

INV.- Hã!

(c) CP. - Vê se tem cabimento, olhar e perguntar a cara daquele desgraçado do [...] do [...] do Sarney, numa hora dessa! (rindo forçadamente).

INV.- Puts!

CP. - Você sabe do que eu estou falando né?

INV.- Ele mostrou pra você o salário [...]

CP. - Não!

(d) INV.- Como é?

CP. - Ele falou: sabe quem é esse homem aqui?

INV.- Ah! E era o Sarney.

Na leitura em voz alta da manchete CP apresentou problemas, tais como: paralexias semânticas (**verão** para **janeiro**), fonêmicas deformantes (**esco** para **história**) e não deformantes (**infleção** para **inflação**), o que confere um aspecto não fluente e "saccadé" a sua produção oral. Flagrando seu repetido insucesso - e talvez por esta razão - CP interrompe abruptamente a leitura e introduz um comentário sobre outro assunto: tenta contar, sem ajustes enunciativos e sem que a interlocutora partilhasse dessa mudança, uma passagem que tivera com outro interlocutor (B), cuja referência só fica clara no decorrer do diálogo. Notam-se, ainda, alguns aspectos supra-segmentais constitutivos de mudanças nos rumos deste diálogo: intonação alterada e exuberante, "débit" acelerado, maior intensidade da voz.

Este exemplo nos permite refletir sobre recursos enunciativos dos quais CP lança mão para organizar seu relato. A afasia de CP, como podemos observar, compromete a organização intertextual do relato, o conteúdo semântico preciso do discurso indireto e a argumentatividade, características estruturantes da linguagem.

Seria interessante determo-nos na situação discursiva do exemplo (3):

Em (a), a intervenção de CP carece de ajustes enunciativos, especialmente quanto à lei da exaustividade: (...) "dar-lhe, entre as informações de que dispõe, algumas que se crêem as mais importantes para o destinatário" (...) (Ducrot, 1984:100). Que instruções a investigadora deve seguir para apreender a introdução desse novo tópico? De sua parte, não ficam claras: o mal-entendido se estende até o último segmento desse episódio. CP não se dá conta de que não preparou a mudança de tópico. O segmento **viu que**, retomado do turno da investigadora por CP, frente a dificuldade de comentar a notícia, condiciona a mudança abrupta de tópico. Ficam sem referência **esse cara** e **ele**, mencionados pela primeira vez: não

é imediata a identidade de referência de **esse cara** e **ele** para “Benito”.

Em (b), ocorre o mal-entendido quando a investigadora toma o caminho diverso de CP, fazendo uma pergunta que incide sobre **salário (E quanto que [...])**, somado ao comentário de CP, **desgraçado**, que ajudou a manter incerta a referência de **esse cara**. Parece-nos claro que, não consciente da parafasia cometida, CP demonstra sua própria estranheza, frente à interpretação da investigadora (Hein?), e explicita a co-referência de **esse cara** e **Benito**.

Em (c), para desfazer o mal-entendido provocado por **esse cara**, e mesmo por **desgraçado**, CP retoma sua fala inicial a partir de **Vê se tem cabimento**, que é um ato avaliativo e que provoca uma atenção máxima do interlocutor para o que se vai contar. No entanto, o mal-entendido, em relação à atividade proposta por Benito a CP, e que é objeto de seu relato, permanece, pois a parafasia -- **salário** -- (uma parafasia semântica que remete a “Sarney” ou a “salafrário” ?) reitera a incompreensão e estranheza, por parte da investigadora, sobre o que se está falando. A referência de **salário**, bem como o próprio tópico do diálogo ficam, momentaneamente, suspensos. Podemos, ainda, apontar, neste segmento, que CP procura, num trajeto epilingüístico, selecionar outro verbo com um conteúdo lexical mais adequado do que **fez pra mim**, o que se pode notar nas várias parafasias aproximativas (**olhar** e **perguntar**), o que não tinha conseguido com a seleção lexical **ele me pega**. Nesse trecho, **cara do Sarney** ganha referência, mas não resolve o mal-entendido. Vale ainda notar o expediente meta-enunciativo a que CP recorre (**Você sabe de que eu estou falando, né?**): ao se dar conta do mal-entendido, faz seu primeiro ajuste enunciativo.

Em (d), estabelecido o mal-entendido, a investigadora procede a uma pergunta meta-enunciativa que obriga CP a dissolvê-lo. A introdução da fala de Benito no discurso direto, **Ele falou: “sabe quem é esse homem aqui”?**, foi o recurso encontrado. A maior dificuldade do ponto de vista discursivo, e que recobra, por assim dizer, toda essa situação dialógica, é com o discurso do outro, com a intertextualidade (ou interdiscursividade, heterogeneidade, ou mesmo polifonia, ressalvando que estes termos revelam posturas teóricas diferenciadas).

Por que CP apresenta problemas com o discurso indireto? Diferentemente do discurso direto, o discurso indireto tem, nos termos de Bakhtin (1981), uma tendência analítica. A enunciação do outro, e no caso deste exemplo, um fato ou um evento, só pode ser apreendido como uma “tomada de posição com conteúdo semântico preciso”, (p.146) em que os ajustes focais se encarregam da coesão e da coerência da narrativa, e a situação interacional vivida se constitui como um fato de linguagem.

O conteúdo semântico do verbo fazer não é preenchido de maneira relevante ao longo do diálogo e isto mantém o mal-entendido. As sucessivas parafasias **pegar, olhar e perguntar** não o ajudam a aceder a **mostrar**, justamente o que precisava para contar à interlocutora que Benito lhe havia mostrado uma foto de Sarney. É curioso que CP nem se deu conta de que a investigadora lhe disse "ele **mostrou** pra você o salário..." A forma pela qual CP interrompe o curso do diálogo e não a interrupção em si, bem como o uso do discurso direto como alternativa a uma fracasso durante este relato, é o que confere um aspecto inadequado à sua fala. Vemos que os ajustes focais deficitários de CP (suspensão do sistema referencial, problemas de seleção lexical e de sequencialização) remetem a problemas coesivos, e, no caso, à construção da textualidade.

Para a interlocutora de CP não fica clara a condição intertextual: "desgraçado" tem qual referência, **Benito** ou **Sarney**? Que posição ocupara "Benito" na enunciação anterior e que é objeto do relato? Além disso, não fica claro para a interlocutora que se tratava de uma situação de teste neuropsicológico. E por que o problema com o discurso indireto? Justamente porque aqui a fala é tratada como evento, como objeto. Não só as relações com o interlocutor é que estão em jogo, mas a própria maneira de relacionar-se com a linguagem. CP, cujo problema básico é semântico, isto é, de seleção semântica, tem comprometido todo o aparato enunciativo, em que o tópico, os ajustes focais e enunciativos e a heterogeneidade são indícios de sua relação com a linguagem.

Em resumo, CP teve dificuldade em contar à investigadora uma situação que vivenciara com Benito, tanto do ponto de vista semântico (parafasias semânticas), quanto enunciativo-discursivo (passagem da fala de Benito com CP para outro momento de enunciação de CP com a investigadora).

**O caso AF:** Trata-se de um homem de 37 anos, brasileiro, destro, motorista profissional, com escolaridade até a 3ª série do primeiro grau. Sofreu um traumatismo crâneo-encefálico que acometeu o hemisfério esquerdo. A tomografia computadorizada revelou uma lesão na região temporal esquerda. Ao exame neuropsicológico e neurolingüístico foi diagnosticado inicialmente um distúrbio cerebral difuso de predomínio frontal - afasia dinâmica segundo classificação Iuriana. As reavaliações de segmento mostraram melhora progressiva do quadro, que evoluiu para uma afasia semântica, persistindo problemas com a manutenção do tópico conversacional, com a relevância de temas em relação a seus propósitos e, principalmente, com sentidos indiretos ou implicados, o que ficou mais claro na manipulação lingüística de provérbios e de piadas.

O problema semântico de AF é diferente do de CP na medida

em que o primeiro acede ao frame em questão mas o maneja inadequadamente, isto é, não seleciona com propriedade os itens lexicais no interior de um mesmo campo semântico, a partir do qual várias possibilidades se abrem. A maior dificuldade de AF, tanto em termos de produção como de interpretação, é selecionar ou manter o que é topicamente relevante. Durante o acompanhamento longitudinal de AF observamos que suas resoluções lingüísticas, presentes tanto em diálogos como em narrativas, como se vê na produção e na interpretação de piadas e provérbios, ficam na dependência do sentido afetivo, nos termos de Luria (1979). AF não interpreta a partir do texto, mas exclusivamente a partir da referência objetiva ou de sua experiência pessoal. Não que isto se configure por si só em problema; o fato é que certos textos exigem arbitragens intertextuais que se definem a partir de referências estabelecidas culturalmente.

Para ilustrar este problema, servimo-nos de alguns exemplos que nos ajudam a conhecer o déficit afásico de AF, tanto do ponto de vista lingüístico como neuropsicológico. Queremos com isso mostrar "lugares" em que se pode flagrar um funcionamento deficitário, e por isso afásico, tanto em relação ao papel da linguagem como mediadora de outros processos cognitivos, como também da construção da significação. A propósito, lembramos os seguintes exemplos:

4. - Vejamos como AF saiu-se numa atividade no grupo de afásicos em que tinha que explicar onde morava, dando pontos de referência, a partir dos quais um interlocutor que não conhecesse o trajeto deveria conseguir localizar seu endereço. Os demais integrantes serviram-se de pontos de referência conhecidos e identificáveis como, por exemplo, a prefeitura, o Banespa do bairro Barão Geraldo, a rodoviária, etc. AF, que mora numa cidade próxima a Campinas, disse que sua casa ficava **perto do bar da esquina e era a segunda da quadra de uma rua que ia e vinha**. Por que AF deu esta indicação? Ele parece não levar em conta que seu interlocutor não sabe onde ele mora: deu referências de quem pressupõe que seu interlocutor conheça as proximidades do endereço, faltando-lhe apenas localizar a casa.

5. - Numa outra atividade de grupo em que pretendíamos investigar relações entre a afasia e a representação gestual, a proposta era cada um de nós dramatizar um tipo de profissão e AF escolheu "pipoqueiro". Primeiramente, ele representou mimicamente uma **roda**, que seria compatível com o gesto de **fazer pipoca** se não a tivesse localizado na parte inferior de um objeto parecido com carro, chegando mesmo a se agachar, o que imediatamente levou o grupo a dizer **borracheiro, mecânico**,

**corredor de Fórmula I**, etc. Quando finalmente, esgotado um rol de possibilidades plausíveis, uma paciente disse **pipoqueiro**, o que AF confirmou. De imediato, o grupo estranhou a representação. Indagado sobre o porque desse seu gesto, AF disse: “porque **meu pai** era pipoqueiro e a **roda do carrinho dele** [...] sempre encrocava”, deixando claro como recorreu a sua experiência individual para representar pipoqueiro.

No manejo lingüístico com enunciações proverbiais, AF mostrou vários problemas, seja na manipulação de sentidos indiretos e sentidos menos cristalizados, seja na incorporação do discurso do outro. É característica recorrente do quadro afásico de AF a dificuldade de manipular a condição polissêmica e não unívoca da língua; sua interpretação objetiva interfere nos aspectos discursivos que orientam a significação; seu problema de seleção semântica (quer lexical, quer de tópicos) dá origem a parafasias, mal-entendidos, não reconhecimento de intenções, etc. Tomemos outros exemplos que ilustram a repercussão desse problema afásico de AF, ou seja, o recurso a sentidos relacionados com sua experiência pessoal e concreta:

#### a) **explicação e situação de uso de provérbios**

6. - Na avaliação (metalingüística) de enunciações proverbiais, a investigadora serviu-se de um exemplo que ocorrera com suas filhas para explicar o sentido do provérbio “Quando um não quer dois não brigam”. A seguir, propôs-lhe uma situação em que dois homens discutiam à mesa de um bar, cabendo a AF escolher entre os provérbios que lhe foram apresentados o que melhor se aplicava: “Cada macaco no seu galho”, “Filho de peixe, peixinho é”, “Feliz foi Adão que não teve sogra”, “Quando um não quer dois não brigam”, “Mulher de amigo meu pra mim é homem”. AF escolheu o primeiro e, a seguir, considerou, junto com a investigadora, as outras possibilidades. Curiosamente, ao comentar o quarto provérbio, disse que este não servia **porque nenhum dos dois era criança**.

7. - Um outro exemplo em que AF veicula a explicação do provérbio a um sentido individual é o de “Feliz foi Adão que não teve sogra”. Ao contrário de outros episódios, em que a falta do conhecimento enciclopédico prejudica a interpretação intertextual, isto é, o acesso ao conhecimento cultural e ao sentido implicado, neste caso, só se mantém o conhecimento enciclopédico: AF sabe que Adão foi o primeiro homem, que Eva foi a primeira mulher, que sogra é o nome que se dá à mãe da mulher com quem se é casado. O que parece não mais saber é que, nesse contexto, **ter sogra é ruim, mulher é Eva e não a sua, sogra é a mãe da Eva e não a da**

sua mulher.

## b) "recontagem" de piadas

Numa investigação sobre a relevância de piadas em protocolos de afasia (ver, a propósito, Possenti & Coudry, 1990) o investigador contou uma piada para AF que, depois, tentou contá-la para outro investigador.

A piada é a seguinte. Ele precisava trabalhar para sustentar os filhos. Aí, ele chegou no lugar e falou pro patrão o seguinte: chefe, eu preciso arranjar um emprego, porque a vida tá dura, e eu tenho 15 filhos. Aí o chefe perguntou: O que **mais** o senhor sabe fazer?

8. - INV.- (lendo o rol de piadas de AF) E a piada do cara de 15 filhos?

AF.- [...] 15 filhos? Casou e teve [...] 15 anos teve 15 filhos. E depois dos 15 filhos ele foi procurar emprego. Daí o patrão - ele foi procurar serviço e falou pra ele que sa [...] falou sei, não [...] depois desse tempo você já teve 15, então serviço não tem, tem [...] tem [...] outros [...] outros [...] e outros pedá [...] outra idéia sei lá, o serviço [...] sem ter, sem ser serviço.

INV.- Entendi nada [...]

AF. - Sem ter, sem ser o serviço.

INV.- Entendi nada.

AF. - Sem ter o serviço, ele falou que [...] falou que tinha outro serviço [...].

INV.- Que outro serviço?

AF. - Esqueci um pedaço.

A fala de AF fornece indícios de que ele se dá conta da pressuposição envolvida na piada que exige que se apreenda através do **mais** o outro discurso e a implicação de que "ter 15 filhos" não é suficiente para arranjar um emprego: o fato de ele dizer "**outros [...] outros [...] outra**

**idéia, sem ter [...] sem ser serviço**” indica que está tentando verbalizar que há algo mais envolvido além de ter 15 filhos, o que pode ser parafraseado por **“que outro, que outra coisa sem ter filhos, sem ser o serviço de fazer filhos?”** AF percebe a intertextualidade, isto é, percebe o sentido veiculado por **mais**, no entanto, isto não é condição suficiente para o “maje” lingüístico que a piada exige e que a configura como tal. O texto de AF não chega nem a ser uma piada mal contada: há uma dificuldade de seleção lexical (parafasias semânticas, com sucessivas tentativas epilíngüísticas) de encontrar o recurso mais adequado para que o texto seja chistoso.

O que acontece com AF e outros sujeitos com afasia semântica, em relação aos mecanismos enunciativos pelos quais o enunciador estabelece alguma relação tanto com seu interlocutor como com outros discursos? Parece-nos que, nesses casos, o sujeito afásico fere a **intertextualidade** e a **natureza contratual** dos processos de significação que se constituem no sistema de referências culturais e que estruturam os diferentes tipos de discurso.

A manipulação lingüística de piadas nos ajuda a interpretar as dificuldades de AF que afetam sua vida mental, na justa medida em que denuncia falhas nas operações lingüísticas implicadas na seleção de palavras que participam de vários “frames” e, também, na relação entre palavras e seus sentidos. Não são, neste caso, o sistema de referência cultural e os conceitos em si que estão prejudicados pela afasia - o que o diferencia, por exemplo, de uma demência neurodegenerativa de tipo Alzheimer ou de uma lesão frontal maciça, que provocam desintegração intelectual - mas o acesso, pela via da língua(gem), a este arquivo socialmente construído. Certamente isto afeta o uso produtivo da linguagem (“pensamento discursivo” de Luria), em contextos inter e intra-psíquicos. As dificuldades semânticas e enunciativas de AF parecem revelar que o que está afetado é algum aspecto da relação entre pensamento e este objeto que tem uma natureza complexa, polissêmica, heterogênea, indeterminada: a língua.

## CONCLUSÃO

Concluindo, retomemos as questões que definem nosso percurso teórico e clínico: em primeiro lugar, os expedientes lingüísticos que mostramos, e que muito podem dizer sobre o papel da linguagem na relação com o aparato cognitivo ou mental, e ainda na mediação deste aparato com o mundo social, só podem ser considerados no fluxo da enunciação. Em segundo lugar, considerando a natureza discursiva dos processos de

significação, vemos que, no caso de sujeitos afásicos, a manipulação de recursos expressivos de que a língua dispõe, e especialmente as atividades epilíngüísticas, orientam suas estratégias discursivas, ainda que com problemas. A abordagem neurolíngüística apresentada neste texto, por conceber como estruturador o papel do outro - e o discurso do outro - na manutenção da proposta discursiva a partir da qual várias possibilidades se abrem (e, nesse sentido, a relevância tópica depende da distinção, também por parte do interlocutor, do que se toma como central ou marginalmente relevante nos processos enunciativo-discursivos), na dissolução de mal-entendidos, na interferência em episódios confabulatórios, na superação de dificuldades de evocação e de contextos narrativos, na eleição de processos alternativos de significação, nas estratégias de auto-correção, etc., considera que a **interlocução** é um lugar privilegiado a partir do que se orienta a reconstrução do processo verbal, em condições patológicas.

Tomemos um último exemplo, referente a indícios de que AF vem reconstruindo a atividade "langagière", no que diz respeito à construção do sentido e à auto-crítica em relação as suas dificuldades iniciais de selecionar e manter o que é topicamente relevante para os propósitos de sua fala. Explicando porque não joga mais futebol com o irmão, mas com amigos, comentou: "aquele jeito, aquele modo dele [...] que nem um [...] um gorila [...] pegar e arrebentar". Outra evidência: antes de iniciar uma sessão de piadas e sabendo que AF estava voltando a trabalhar, o investigador (Sírio Possenti) lhe faz a seguinte pergunta: "o que é que você está fazendo agora?" E ele, com jeito de quem está brincando, respondeu: "agora? agora eu estou aqui conversando com o senhor, né?"

Mais do que um dispositivo de análise, a práxis teórico-clínica inspirada em uma perspectiva enunciativo-discursiva elabora novas leituras de fenômenos patológicos e permite dispor, no âmbito da língüística, linguagem e pensamento num quadro relacional.

## BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-RÉVUZ, J. (1982) - "Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours", in **DRLAV**, 26.
- \_\_\_\_\_. (1984) - Hétérogénéité(s) énonciative(s), in **Langages**, 73.
- BAKHTIN, M. (1981) - **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. brasileira de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo: Hucitec.
- BENVENISTE, E. (1966) - "De la Subjectivité dans le Langage", in **Problèmes de Linguistique Générale I**, Paris: Gallimard.

- BENVENISTE, E. (1970) - "L'Appareil Formel de l'Énonciation", in *Langages*, 17: 13-18.
- CHRISTENSEN, A. - L. (1975). - *El diagnóstico Neuropsicológico de Luria*. Madrid: Ed. Visor, 1987.
- COUDRY, M.I.H. (1990) - "Para bom entendedor meia palavra basta". A sair em *Anais da ALFAL*.
- DUCROT, O. (1984) - *Le Dire et le Dit*. Paris: Minuit.
- GERALDI, J.W. (1990) *Linguagem, Interação e Ensino*. Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Lingüística, IEL, UNICAMP.
- GOLDSTEIN, K. (1948) - *Language and Language Disturbances*. New York: Grune & Stratton.
- GUILLAUMOU, J. & MALDIDIER, D. (1989) - "Da enunciação ao acontecimento discursivo em Análise do Discurso", in Guimarães, E. (org.), *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- HENRY, P. (1990) - "Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso" de Michel Pêcheux (1969)", in Gadet, F. & Hack, T. (orgs.), *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- LAHUD, M. (1977) - "Alguns mistérios da Lingüística", in *Almanaque*, 5, 28-37.
- LURIA, A.R. (1966) - *Higher Cortical Fonctions in Man*. New York: Basic Books.
- LURIA, A.R. (1974a) - *Cerebro y Lenguage. A Afasia Traumática: síndrome, exploracion y tratamiento*. Barcelona: Fontanella.
- \_\_\_\_\_. (1974b) - *The Working Brain*. London: Penguin.
- \_\_\_\_\_. (1979) - *Curso de Psicologia Geral*, vol. IV (Linguagem e Pensamento). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (1987) - *Pensamento e Linguagem -- As últimas Conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MAINGUENEAU, D. (1984) - *Genèse du Discours*, Liège: P. Mardaga.
- \_\_\_\_\_. (1989) - *Novas Tendências em Análise do Discurso*, Campinas: Pontes.
- ROVENTA-FRUMUSANI, D. (1985) - "Le Proverbe E(s)t Énonciation Énoncée", in *R.R.L., XXX*, Bucarest, p.159-167.
- PÊCHEUX, M. (1990) - *Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* [trad. brasileira de "Discourse: structure or event?", 1983, de Eni Orlandi]. Campinas: Pontes.
- POSSENTI, S. (1988) - *Discurso, Estilo e Subjetividade*, São Paulo: Martins Fontes.

POSSENTI, S. & Coudry, M. I. H. (1990) - "A Relevância de Piadas em protocolos de Afasia". A sair em **Estudos Lingüísticos XX**; anais de Seminários do GEL.

VYGOTSKY, L. S. (1984) - **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes.

———. (1987) - **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.